

Evento "Democracia Inabalada", no Congresso Nacional, terá presença de Lula, reinauguração de obras vandalizadas e expectativa de discursos fortes. Ministra Margareth Menezes cantará o Hino Nacional para os 500 convidados

Ato lembra mais duro ataque aos Poderes desde a ditadura

EVANDRO ÉBOLI

8 de janeiro que durou um ano será lembrado na tarde de hoje no ato "Democracia Inabalada", no Salão Negro do Congresso Nacional, a partir das 15h. O local foi escolhido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cujo governo resistiu a uma forte tentativa de desestabilização a apenas uma semana de sua posse.

A cerimônia marca a recuperação e restauração de peças e obras destruídas e vandalizadas por manifestantes que defenderam a intervenção militar no país. Na tarde daquele domingo, centenas de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram e ocuparam as sedes dos Três Poderes e promoveram uma destruição do patrimônio público nunca vista antes.

A solenidade irá lembrar que foi preciso um esforço conjunto de todas as instituições atingidas e da república quase generalizada da população para se restabelecer a normalidade democrática.

São esperadas 500 pessoas no ato e aguardados discursos fortes dos protagonistas do evento. A ministra da Cultura, Margareth Menezes, irá cantar o Hino Nacional. Uma peça semi-destruída — a tapeçaria de Burtel Marx — e outra subtraída por um dos invasores — a Constituição — estão de volta e irão compor o cenário no salão.

Além de Lula, estão previstos falas dos presidentes Rodrigo Pacheco (Senado), Arthur Lira (Câmara) e dos ministros Luís Roberto Barroso (presidente do Supremo Tribunal Federal) e Alexandre de Moraes (que preside o Tribunal Superior Eleitoral). As atenções estarão voltadas para Moraes,

que revelou em entrevistas nos últimos dias que havia plano até para enforcá-lo em praça pública. A governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra, do PT, irá discursar representando os chefes dos Executivos estaduais.

Entre um 8 de janeiro e outro, o país passou o ano consumindo as consequências daqueles atos. Envolvidos foram presos, parlamentares do Congresso Nacional e da Câmara Legislativa do Distrito Federal criaram Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), bolsonaristas e petistas passaram esses 12 meses trocando acusações referentes ao episódio daquele dia.

"Pontos de memória"

Hoje, antes do ato no Congresso, vai acontecer no prédio do STF a inauguração da exposição *Após o 8 de janeiro: reconstrução, memória e democracia*, uma alusão à destruição das instalações e objetos da Corte. No tribunal, foram destruídas peças antigas, do período em que a capital do país era o Rio de Janeiro. O STF registrou o maior prejuízo até agora, entre as sedes de Poderes atingidas. O custo da invasão e da destruição na Suprema Corte já chegou ao montante de R\$ 13 milhões. Ao todo, se calcula que, incluindo o Congresso e o Palácio do Planalto, o prejuízo atinge R\$ 24 milhões.

Em todos os locais atingidos serão expostas peças que seguem fragmentadas e esfaceladas. O propósito é acentuar o que ocorreu no país naquele 8 de janeiro. No STF, os objetos vandalizados estão expostos em locais batizados de "pontos de memória".

Colaborou Andréa Malcher

Ed Alves/CF/DA Press



Salão Negro do Congresso pronto para receber autoridades e convidados do ato, lembrando um ano de 8 de janeiro de 2023

Ed Alves/CF/DA Press



Tapeçaria de Burtel Marx e Constituição expostas no Congresso

Ed Alves/CF/DA Press



Esquema de segurança com cerca em volta da Câmara e do Senado

Linha do tempo dos atos antidemocráticos

6 E 7 DE JANEIRO DE 2023: ORGANIZAÇÃO E DESLOCAMENTO DE CARAVANAS GOLPISTAS

Em grupos de mensagens nas redes, manifestantes alinhados a Jair Bolsonaro organizavam uma manifestação na capital, em protesto à eleição de Lula. As postagens no grupo indicavam os atos violentos. O plano era chamado de "Festa da Selma". Até aquele dia, estavam acampados em frente ao QG do Exército, na capital e em outras capitais.

Diversos ônibus, em sua maioria das regiões Sul e Sudeste, levaram bolsonaristas até Brasília e de graça ou por um valor menor que o praticado nos trechos comerciais. Segundo um relatório da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), 83 pessoas e 13 empresas estavam diretamente ligadas na contratação de 103 ônibus.

Anderson Torres, ex-ministro da Justiça de Bolsonaro, foi nomeado secretário de Segurança Pública do DF no dia 2 de janeiro. Depois, viajou para Orlando, onde estava quando ocorreram os atos contra os Três Poderes.

Alerias da Abin foram emitidas dias antes do episódio para o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) e para o Ministério da Justiça tratando de ataques a prédios públicos. Os avisos também citavam as caravanas em direção a Brasília, com cerca de 4 mil pessoas.

Dino alertou o governador do DF sobre os planos detectados pela inteligência do governo. Em depoimento, o general Gonçalves Dias, ministro do GSI, afirmou que não teria sido informado pela Abin do risco iminente.

8 DE JANEIRO DE 2023: DESTRUIÇÃO DOS TRÊS PODERES

de 11h45 a 12h30: escolta policial para a Praça dos Três Poderes

O GSI enviou um pelotão de apenas 30 militares ao Palácio do Planalto. O acordo envolvia bloqueio completo da Esplanada dos Ministérios, o que não ocorreu. No dia 8 de janeiro, a Abin já havia emitido alerta a 48 órgãos sobre a possibilidade de manifestações violentas e invasão de prédios públicos.

Fotos: Raundo Eboli/CF/DA Press



Às 12h30, os bolsonaristas deixavam o acampamento em frente ao QG e em direção à Esplanada, escoltados pela Polícia Militar. Na véspera do ataque, Ibaneis afirmou que manifestações "pacíficas" estavam permitidas e liberou a Esplanada.

de 13h23 a 14h30: 'situação tranquila'

O secretário de Segurança Pública em exercício, Fernando de Sousa Oliveira, tranquiliza o governador, por áudio, afirmando que não há riscos de que a situação saia do controle: "situação tranquila".

Os radicais foram recebidos por uma frágil revista policial.

O presidente pousava às 14h26, em Araraquara (SP)

14h42: Começam as invasões, pelo Congresso Nacional

Ao receber um vídeo feito da janela do ministério e uma ligação de uma auxiliar, Flávio Dino resolve acompanhar as manifestações no ministério.

Lula visitava as áreas atingidas pela chuva quando um auxiliar mostrou as cenas na Esplanada e foi informado da invasão ao Planalto e ao STF. Por volta das 15h, ele falava com o ministro Alexandre de Moraes e, depois, com os presidentes das duas casas do Congresso,

Arthur Lira e Rodrigo Pacheco. E encomendou ao ministro da Justiça um texto de intervenção na segurança pública do DF.

Às 14h42, com fácil acesso e número insuficiente de policiais, muitos fazendo vista grossa, os bolsonaristas romperam a barreira que cercava o Congresso e, assim, invadiram o prédio.

Ao romper a barreira policial, os bolsonaristas avançaram pelo Senado e pela cúpula do Congresso. Policiais relataram à PF que os manifestantes usavam pedras, paus e estilingas para atacar os policiais legislativos.

Sem efetivo suficiente, os policiais ainda tentam recuar e formar uma barreira que pudessem proteger o plenário, sem sucesso. Ainda tentaram negociar com os invasores.

No plenário, brincadeiras de escorregador no carpete. E depredação de tudo que encontravam pelo caminho. Cerca de 40 pessoas no local ouvem voz de prisão e são levados à Polícia do Senado.

Berthame Utago/CF/DA Press



As redes sociais passaram a ser inundadas com vídeos feitos pelos próprios golpistas. As primeiras prisões no local só ocorreram horas depois da tomada do Congresso.

Vidraças foram quebradas e diversas obras de arte destruídas. Presentes de chefes de Estado, a laje de um painel feito por Adão Bolcão e urina na tapeçaria de Burtel Marx foram parte do saúdo dos ataques.

15h: Invasão do Palácio do Planalto

Autoridade do GSI detecta a chegada dos manifestantes na Esplanada. Às 14h, é acionado o Plano Escudo — protocolo em casos de tentativa de invasão do Planalto, antes da invasão.